

Música do Condado Fugaz (1)

(28)

Es-te amigo duma fiza, Pássa-ro bismar, Com sua com-tiga & ma
 nau! Corrido a porta-pés, onde, par-ta, vá; Limpa-charmi-nis, Fô-ra
 lá Dei-xa lá o homuzinho, Oh! coi-tá-Si-chô dá-the teu fer-dão. Dás?!
 Sendo as-sim mesquinho, Teu es-ração Não pode ter paz.
 Oh-gô-ra fi-co eu Sem o xi-co pra' que me-ra de-vido a'ão é?!
 Minha tã-ta li-geira, Franpo-li-neira, Borden-se tãsa, Qêê
 Os gô-zos des-te mundo São como a sombra que vai fu-gir --- do
 Não fôr-nam um se-gundo E a-margauso nos vão fe-rir --- do

(1) Os versos desta comédia foram aplicados à canção «Oliveirinha e Loureiro», de Vasco de Macedo, propriedade da Casa Neuparth, de que é representante em Lisboa o sr. Valentim de Carvalho, que gentilmente nos concedeu a licença para aqui a transcrevermos, pelo que lhe ficamos gratamente reconhecidos.

A Canção da Margarida

42 *Allegretto*

Margari-da vai à



The first system of the score features a vocal line in the upper staff and a piano accompaniment in the lower staff. The tempo is marked 'Allegretto'. The lyrics 'Margari-da vai à' are written under the vocal line. The piano part begins with a piano dynamic marking 'p'.

fon-te, Mar-ga-ri-da vai à fon-te Para-mo-cha a can-ta-ri — mba,



The second system continues the vocal line and piano accompaniment. The lyrics 'fon-te, Mar-ga-ri-da vai à fon-te Para-mo-cha a can-ta-ri — mba,' are written under the vocal line. The piano part continues with a piano dynamic marking 'p'.

Bro-tam li-rios pe-lo mon-te, vai só-zi-mba pa-raa fon-te, vai à fon-tee um só-



The third system continues the vocal line and piano accompaniment. The lyrics 'Bro-tam li-rios pe-lo mon-te, vai só-zi-mba pa-raa fon-te, vai à fon-tee um só-' are written under the vocal line. The piano part continues with a piano dynamic marking 'p'.

(Côro)

-zi — mba Bro-tam li-rios pe-lo mon — te.



The fourth system is marked '(Côro)' and continues the vocal line and piano accompaniment. The lyrics '-zi — mba Bro-tam li-rios pe-lo mon — te.' are written under the vocal line. The piano part continues with a piano dynamic marking 'p'.

Para repetir. Para acabar.

Vai à fon-tee um só-zi — mba. —zi — mba.

Para repetir. Para acabar.



The fifth system concludes the piece with two endings. The first ending is marked 'Para repetir.' and the second is marked 'Para acabar.'. The lyrics 'Vai à fon-tee um só-zi — mba. —zi — mba.' are written under the vocal line. The piano part continues with a piano dynamic marking 'p'.

OS DESEJOS ⁽¹⁾

(OPERETA EM 1 ACTO)

PERSONAGENS:

Rosa, mulher pobre, 40 anos; Julião, artista desempregado, 50 anos; Anjo da Fortuna.

A SCENA:

Representa uma casa de gente pobre com cosinha praticável ao lado.

ACTUALIDADE

The musical score is written for voice and piano. It begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 3/4 time signature. The tempo is marked 'Moderato' and the dynamics 'Legato'. The score consists of five systems of music. The first system includes a circled number '21' in the first measure. The lyrics are: 'Ra-na', 'Que é da tua ti-ra-mi-a', 'ró, la, ró, la, ró, la'. The second system continues with: 'ró', 'Que é daqueles teus en-cantos O Re--sa', 'ra-na!', 'Que é da tua ti-ra-mi-a', 'ró--la,--ró'. The third system has: 'ra-na!', 'Que é da tua ti-ra-mi-a', 'ró--la,--ró'. The fourth system has: 'ra-na!', 'Que é da tua ti-ra-mi-a', 'ró--la,--ró'. The fifth system has: 'ra-na!', 'Que é da tua ti-ra-mi-a', 'ró--la,--ró'. The score ends with the instruction 'A 3.ª Vez D.C. al até ao Fim'.

(1) Esta comédia foi vertida livremente da revista «De Bromo y de Veras», anexa ao Mensajero del Corazon de Jesus, de Bilbao, que obsequiosamente nos permitiu a tradução e por isso aqui lhe protestamos o nosso agradecimento. Dela fizemos uma opereta com aplicação de músicas regionais portuguesas.

Música popular sôbre motivos dos «Sinos de Corneville»

22.ª Moderato (Julião) Mil vezes já te te-nhi

di-to Não que ro mais calô de comê Se a-inda teimas eu não grito Mas

dou-te o-lha lá se ou-ves Se a-inda teimas eu não grito Mas Vou te ao que is

(Solo de Rosa) Tempo de Valsa moderado o-lha lá se ou-ves. Ai! que manga-ção, Ai! que brinca-dinas, Não es

tejas as-sim com es-sas ma-neiras Ca-ro ju-li-ão, Meu rico es

(Solo de Julião) posso Co-me-ê-te cal-dinho Não sejas tei-moso eu não te a-dmi-to Tal

crescendo a-tre-ve-mento La-vas u-ma co-co-fi que te ar-re-bento En-tão tu não

(Os Sinos) Vês Com pa-ço mir-rado Com tanto re-vez Já es-tou a-ca-ba-do Que

forte languinha Que traz man-ga-ção E mui-to em-bir-ran-te o
 meu ju-li-ão
 Mas tem-pa-ci-ên-ci-a Tu tens que a-tu-rar Não
 E, moi-ta, ca-lar!
 fa-ças bei-cinha & to-ca a-le-grar. Fim

SCENA II

(ROSA E JULIÃO)

JULIÃO (*Entra com um feixe de lenha*).

ROSA — ¿ Que trazes tu às costas?

JULIÃO — ¿ ¡ Que trago?! A tua vida e a minha, condenada! Um mísero feixe de lenha, que andei lá pelo monte a apanhar em tôda a tarde e que é capaz de não dar mais do que alguns doze vintens . . . , se os dêr.

ROSA — Olha que, realmente, sômos muito desgraçados, Julião!

JULIÃO — A mais não poder ser, mulher. Mas, diz-me cá: ¿ que estás tu para aí a cosinhar?... ¿ que temos nós para a ceia?

ROSA — ¿ ¡ Que temos para a ceia?! O mesmo que ontem. Gostaste tanto do caldo de couves que o comeste todo; pois hoje haverá também caldo de couves, só com a diferença que, para variar, não tem adubo. (**Prevenção à música**).

JULIÃO — Já estou farto de caldo de couves, centopeia! Pelo visto não sabes fazer outra coisa... (*Os seguintes versos cantam-se com a música da página precedente*).

I

JULIÃO (*Canta zangado*)

Mil vezes já te tenho dito: —
 — Não quero mais caldo de couves.
 Se ainda teimas, eu não grito,
 Mas dou-te, ¡ olha lá se ouves!

Se ainda teimas, eu não grito,
 Mas vou-te aos queixos...
 ¡ Olha lá se ouves!

II

ROSA (*Canta*)

Ai! que mangação,
 Ai! que brincadeiras,
 Não estejas assim
 Com essas maneiras.
 Caro Julião,
 Meu rico espôso,
 Come êste caldinho,
 Não sejas teimoso.

Os desejos

SCENA V

(OS MESMOS E O ANJO)

(Aparece o Anjo; Julião e Rosa recuam envergonhados, ocultando ela, com as mãos, o focinho de porco. O Anjo canta a seguinte música, (1) com os versos da página 126).

25
 Que venjo? Porque cho-rais Mas en-tão Que a-con-te-cem? Di-
 zei-me, qual foi a cau-sa Da má-goa que vos fe-
 rim? Que
 1.ª voz
 rim O' Ro-sa tu que fi-zes-te Quão peno-so é teu vi-
 ver O de-
 se-jo a que a-ce-des-te Oh! sim te fará sofrer a-
 temer a--te mor-
 rer O de-se-jo a que a-ce-des-te Oh! sim te fará sofrer a-
 temer a--te mor-
 rer p.
 2.ª voz
 Affretando sempre
 Rallent. molto
 Abrassando
 Affret.
 Abrassando
 p.
 pp.

(1) A esta música aplica-se também o que vai dito a pág. 118.

Música para os versos da página 127 (1)

(26)

Tempo de Ome-Ste

Meus sonhos, quando a função, Ah! boa noite, até a primeira incanção

O' minha cara, lenta - - - de, Vai embora, não podes ir?

Há pouco tudo eram prantos - - - para a goza até a rir

Quando a barba do bi - - -inho, Ficam a andar com res - - -to - - - lho,

Olha lá e tem cura - - - lá, Já as tuas bem de mó - - - lho.

A voz em 8ª baixa

San. P. L. baila - - - No fun - - - da, Vira, vira, vira com a gente a la - - - gria

A voz em 8ª baixa

anda man - - - liguero, Mexe até a gente de ficar, não quer a gente só - - - girar Ome - - - te

Para acabar

Fin

(1) Esta música é da canção «Parreiras de Portugal», de Alves Coelho, propriedade da casa editora Sassetti & Companhia, que obsequiosamente nos permitiu a transcrição e por isso lhe renovamos aqui os nossos agradecimentos.

SCENA I

(CANTACLARO E O PÚBLICO QUE VAI ENTRANDO)

(Ao subir o pano, no centro do 1.º e 2.º planos, os palhaços fazem piruetas, alguns artistas tocam instrumentos grotescos em música infernal, onde não faltarão o bombo, os pratos e o cornetim. Enquanto Cantaclaro fala vai entrando o povo aos poucos: uns pela D. e outros pela E., ocupando cada um o seu respectivo lugar nos bancos).

CANTACLARO (Nervoso e agitando uma campainha) — E' entrar, senhores, é entrar! Não se paga nada; é espectáculo gratuito! E' entrar, é entrar! Cá para dentro, cá para dentro! (Toca a charanga à moda dos barracões de feira enquanto o piano executa a música seguinte).



E' o salão de Cantaclaro,
Que vos mostra à luz do dia
Bichos de muitos feitios,
Uma imensa bicharia!

Minhas senhoras e meus senhores, é entrar! Soldados e crianças, ricos e pobres: é entrar, que se vão rir a bandeiras despregadas ao verem a grande porção de béstas com focinho humano!...

(Depois de ter entrado todo o povo, enquanto Cantaclaro falava e a charanga tocava, Cantaclaro finge fechar as portas e dirige-se aos comparsas que representam o público) Respeitável público: vão desfilar diante de vossas senhorias uns perfeitos animalejos parecidos com o homem e colhidos em todos os grandes e pequenos países das cinco partes do mundo civilizado.

(Corre a cortina e aparece, no palcozinho, D. Ignorante, robusto, espadaúdo, com uma barriga enorme e fumando charuto).

O ABRAÇO FRATERNAL

Allegro

Moderato molto

rallent...

pp.

Dançar que a dança é des- canço dá-se ao pé de canção a mão. Dan-
 çar que a dança é des- canço dá-se ao pé de canção a mão. *Dançar velotas* a que eu

Dança, Todas # *Dolce* aqui dança, *pp.* Viva a folia, Dançar, dan-çar, Haja a le-
 gria # beira mar. Viva a fo- lia Dançar, dançar a folia legria # beira mar. *Allegro*

Música dos « Romeiros d'Agonia » (1)

Tempo de Valsa

4

Solo Poco meno

Com que então ca - ra ri - ci - nha Pas - se bem te - nha mui bom

di - a Sempre quis vir à ci - da - de vir as fei - ras co' d' go - ni -

Coro

- a ? Vir fei - ras Si - ro - li - ro - li, fi - ro - li - ro - liro Para paup - ras Si - ro - li - ro - li, fi - ro - li - ro -

- ras Vir fei - ras pra paup - ras ou fei - ras pra paup - ras Is - so e quei ca - ba brega - va - ras Fin

C. G.

(1) A letra foi adaptada à música popular desta página e o arranjo para piano foi-nos gentilmente feito pelo ilustre compositor sr. Cipriano Gil, a quem protestamos aqui o nosso agradecimento.

OS BOIS

Os bois! Fortes e mansos, os boizinhos,
—leões com corações de passarinhos!

Os bois! Os grandes bois, êsses gigantes,
tão amigos, tão úteis, tão possantes!

Vêde os bois a puxar, pelas estradas,
aquelas pesadíssimas carradas.

O corpo dêles, com o esforço, fréme,
e o carro geme, longamente geme...

O carro geme, geme longamente,
e os bois vão a puxar, cansadamente.

E à noite, pela estrada tão sòzinha,
o carro geme, geme, e lá caminha...

E parece, p'la noite envolta em treva,
que é o carro a chorar por quem o leva.

Vêde o boi a puxar à velha nora,
que parece também que chora, chora.

A nora chora, e o boi, cansadamente,
anda à roda, anda à roda, longamente...

E parece, p'la tarde êrma que expira,
que é a água a chorar por quem a tira.

Mas vêde os bois, também, nessa alegria
de trabalhar na terra, à luz do dia!

Vêde os bois puxar ao arado, agora,
que o lavrador conduz p'lo campo fóra!

III

CÔRO:

Eu sou carvoeira,
Sou carvoeirita,
Tôda enfarruscada,
Mas môça bonita:
As mãos, são tições;
Os dentes, marfim;
Os olhos, brilhantes;
Mas os pés assim...

SOLO:

Mocidade! Mocidade!
Quem na dera ter segura!
O pior é que a mocidade
Vai de-pressa, pouco dura.

IV

CÔRO:

São tam bonitas
As carvoeiras!
São tam catitas
As feiticeiras!
Oh! que belo rancho,
Que formosa idade!
Dançai, raparigas,
Viva a mocidade!

Allegro marginale

The musical score is written in 2/4 time and consists of four systems of staves. The first system includes a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a tempo marking of 'Allegro marginale'. The lyrics are: 'Mocidade! Mocidade! Tempo é de formosura, Quem se encontra nesta'. The second system continues with 'dade E' formosura que cura. São tam bonitas as carvoeiras'. The third system includes dynamic markings like 'ten.' and 'sf.' and lyrics: 'São tão catitas as feiticeiras! Oh! que belo rancho, Que formosa idade!'. The fourth system concludes with 'dade! Dançai raparigas Viva a mocidade.' The score features various musical notations including notes, rests, and articulation marks.

MARIA BRASA (Depois da cantoria, João Tição vai sentar-se à direita do fôrno, Maria Brasa fica de pé ao centro do 2.º plano e diz para a D.) — Basta de cantar, raparigas; (Diz para a E.) basta de

AS FILHAS DE EVA

Allegro

(32A) *f* Lá, la rá la ca la rá, la lá la ra la la - ca

(Côro)

pp (côro a brasa fechada) *Solo* És

be-lo o sol que ilumi-nas és-te monte e as campinas com teu ri-sen-te ful-

gor —! És belo o sol que ilumina és-te monte e as cam-

pinas com teu riden-te fulgôr —! A sombra dos ar-vo-

-reos A frescura dos Vinhedos São um quadro encantador — A

sombra dos ar-vo-reos, A frescura dos Vinhedos, São um quadro encantador

(Côro) *f* *Solo*

ador A filha da primeira com a me-a sin-ge-leza

AS FILHAS DE EVA

34 *mf*

p.

Qui quem me sera ser fon-te d'áqui-nha fresca do monte, Matar a sede quem

(Coro)

Ped. *Ped. gaatta* *Dolce*

passa, di! é, ó, ai. Matar a sede quem pas-sa.

ser um reza-lo na li--da ser um consô-lo na vi-----da

Animando

ser um bem cheio de gra-ça Ai, é, ó, ai! Ai, é, ó, ai!

ser um bem cheio de gra-ça Ai, é, ó, ai, é, ó, ai, é, ó, ai. *(Solo)*

Vem, ai, vem.

Fim

soa ou quem pe-se a água à fonte be-ber Inax também o can-ta-

ri--nho Leva-o cheio a-té ver

1ª vez

2ª vez

D. Cal
ate ao
Fim

35A
Tempo de Marcha

mf *ff* Nós somos to-das be-las

e for-mo-sas, cheias de graça neste lin-do au-dar,

E pare-cemos umas pres-eas ro-sas Louando esta

cara pô-de-mos la-var Ha-veir de Ver-nos to-das bem fres

qui-nhas Vester ri-quezas, ser umas ra-i-ubas Carvão

Car-vão Já não ven-demos nem que-re-mos ter

Prin-cas Prin-ce-as, Bentos em poucos nós

III

Somos formosas,
Inocentinhas,
Temos a graça
Das criancinhas.
Nós parecemos
Um roussinol,
Quando êle canta
Ao pôr do sol.

BRASINHA 1.^a — Ai, que rico!

BRASINHA 2.^a — Como se chama isto, mãe?

BRASINHA 3.^a — Já comeu disto alguma vez?

BRASINHA 4.^a — Ui! que me sujei tôda!

BRASINHA 5.^a — Mais, mais; outra coisa.

BRASINHA 6.^a (*Apontando para as terrinas*) — E que é aquilo?

BRASINHA 7.^a — Eu quero do que está naquelas panelas. (*Aponta para as terrinas*).

JOÃO TIÇÃO — Alto! Olha que te dou tamanha bofetada!

MARIA BRASA — O' homem, não sejas precipitado! A pobre da rapariga...

O DIABO (*Sempre que fala com Maria toca-a com a varinha de condão*). — ¿Porque não comeis do que está naquelas terrinas?

MARIA BRASA (*Para João*) — Qual a razão porque não comemos do que está naquelas terrinas?!

JOÃO TIÇÃO — Raça!... ¿Não ouviste o que nos disse a princesa?!

MARIA BRASA — E' verdade, é verdade:— que se lhe desobedeceassemos nos havia de mandar talvez para o carvão.

O ANJO (*Tocando-a com a varinha*) — Não disse talvez, mas disse com certeza.

JOÃO TIÇÃO — Qual talvez, nem meio talvez!... Disse clàramente que nos mandava para o monte.

O DIABO (*Para Maria*) — Ágora manda!... Vós é que a poderíeis mandar a ela, porque quem souber o que ali está e o comer, faz-se príncipe e rei como êles.

MARIA BRASA (*Para João*) — Ora escuta. Está-me a lembrar se será verdade uma coisa que ouvi agora e me dizia que sômos todos da mesma massa: príncipes e carvoeiros; mas que em comendo daquilo

(cariocas) Tempo de Valsa.

38 Me-ni-nas vamos co-mer Pom-aros a-la far-tar

Vai em fim a nossa fome Nes-te di-a ter-mi-nar. Vai

2ª vez. (côro das criadas)

nem Arroz é mentira, Não ides papar; Mas sim, coisas ricas, Que háreis de go-sar.

II

CARVOEIRAS :

Então dizei-nos, dizei-nos,
O que temos p'ra jantar ;
Que coisas ricas são essas,
Que a Senhora nos vai dar ?

CRIADAS :

Perú, coisa fina,
'Stá-se a preparar.

CARVOEIRAS :

Perú, coisa fina,
Que belo manjar !

CRIADAS :

E fígado frito,
E' de consolar !...

CARVOEIRAS :

E fígado frito,
Que rico manjar !

III

CARVOEIRAS :

Quem canta seu mal espanta,
Eu canto para espalhar ;
Quem me déra já comer
Dêsse tam rico manjar.

CRIADAS :

Pernas de cabrito,
Já se 'stão a assar.

CARVOEIRAS :

Pernas de cabrito,
Que belo manjar !

CRIADAS :

Frango com ervilhas,
De deliciar !...

CARVOEIRAS :

Frango com ervilhas
Que belo manjar !

OS PEDINCHÕES

Tempo de Valsa lenta

Lo-mas pe-din-chões, Sran-des man-dri-ões, *rallent* Pres-es-per-ta-hões *mais vagoso* vi-ven-do

a mor-mar, *rallent* sempre a pe-din-char, e sem traí-ba-lhar. **Côro** Se um ti-vo a-ja-rápido!

-nha-mos & bango no-tar-mos, Já o não lar-ga-mos *mais devagar* Sem dar a gor-gê-ta,

sem dar a gor-gê-ta. Se-to mun-do an-da mos Se-men-dee cho-

-ran *depressa* do Va-mos ar-ran-jan-do sempre muita ché-ta, sempre muita

rallent ché-ta, sempre muita ché-ta *atempo* Se-dea-qui, pe-dea-li, Se-de-a-tem, pe-dea-

-lim. A pe-dir, a pe-dir Sem pa-rar, Sem pa-rar;

Pois nossa missão é só mor-mar, Se-din-char, pe-din-char, Se-din-char.

Côro de Entrada (1)

31A Allegro

(Vozes) Sempre rir e fol-gar é de doídas a mais não, mas re-
 -zar, só re--zar, lá de freixas é mis-são. Tempos há pra di-ver-
 ter, Como os há'nda a igreja ir, Pois de senxa-bi-do o mundo se-
 -rá, Se vari e -dade nêle já não há. De folgar já é tempo, de re-
 -zar logo a-í vem. Rir a-qui e re-zar lá, va-ri - ar pra Vi-ver.
 bem quem é moça quer brin-car, ellas não dei-xe de ir o-rar. Pois que há
 gar e só di-vertir, chis-te e graça tira a-té ao pró-prio rir.
 p. Tam, taca o se-no na cape-la, já lá vamos, va-mos já.
 Tam, tam, tam, tam, va-mos a e-la, Luo ser não não tar-dará -rá

(1) Esta música do «Côro de las Calles» da «Gran-Via», é propriedade do editor: — Copyright, 1886 by «Union Musical Espanola», que nos deu licença da adaptação e publicação da parte cantante, pelo que lhe testemunhamos aqui o nosso agradecimento. A música completa com o acompanhamento vende-se na mesma casa, Carrera de San-Jerónimo, Madrid, onde se pôde obter a zarzuela inteira, que fornece números lindíssimos para coros de crianças.

Nam, tim, tim, tim diz a sine-ta Por to-das nós a dia-mar (3/2)

Ai! adeus dança, fê seus folguê-dos, já são horas de ir re--zar.

Sim, quando os an-jos se a-le-gram so-se-mo-nos a-re-grar

Pois es-ta vi-da pas-saremos a rir e a cho-rar: Se a-qui, pois, danças

há, em paz fiquem, vamos nós. 'Stá to-car outra vez, Se qui-

-serdes ficai Vós. (piano) (Vozes) ta, ra, lá, lá,

lá; ta, ra, lá, lá, lá; ta, ra, lá, ra, lá; ta, ta, ta, ta, ta; la ra, lá lá lá; la, ra, lá, lá

lá; la ra, lá, lá, lá ta, ta, ta, ta, ta; la, ra, lá, lá, lá la, ra, lá, lá, lá; la, ra, lá, lá

lá; ta, ta, ta, ta, ta; ta, ta, ta, ta, ta; ta, ta, ta, ta, ta; Chist e graça tira at' ao p'cho

(canto da orquestra) (piano, mais direto)

(Vozes)

rir Quando nós pin-chamos em doí-da fo-li-a To-da a gen-te

diz que faz bem dançar, e las quando re-zamos lá naí greja Poem-se a

rir e a m'urmu-rar. Glá gente da-ni--nha, Glá muita te-

soura, que se não murmura pa-re-ce que es-toura; Mas as su-as

vozes não chegam cá - Pois re-zar nós vamos to-das lá. Re-zar nós

vamos to-das lá, Re-zar nós va-ram to--das lá.

SCENA II

(DEPOIS DO CÔRO TERMINAR O CANTO, ALÍPIO ENTRA)

ALÍPIO (*Entrando pela E. B.*) — Boa tarde.

TÔDAS — Muito boa tarde.

ALÍPIO (*Para o criado, na D. A.*) — Uma caixa de fósforos e um maço de cigarros Antoninos.

UMA DO CÔRO — Vamos à nossa vida, raparigas!

TÔDAS (*Menos Leocádia e Isabel*) — Vamos lá, vamos lá! (*Põeem-se a conversar e vão saindo paulatinamente, aos grupos de número variado*).

ALÍPIO (*Dirigindo-se a Isabel, que está junta com Leocádia*) — Oh, minha flôr!...

LEOCÁDIA — Então o senhor por aqui?!

ALÍPIO — E' verdade. Passava com um amigo e vim comprar cigarros ao restaurante.

LEOCÁDIA — E assim, com tanta pressa?!

ALÍPIO — Eu venho dentro em dois minutos; preciso de dar um recado com urgência e não me demoro. Não saíam daqui, que isto é um pé cá outro lá, meus anjinhos. (*Sai pela E. A.*)

LEOCÁDIA (*As duas vão à E. A. e descendo diz Leocádia*) — Parece que gosta de ti o rapaz...

ISABEL — De mim?! Ora o démo não tem sono!...

LEOCÁDIA — Pois sim... faz-te de parva... (*Ao meio*).

ISABEL — Devéras?

LEOCÁDIA — Sim, sim, deveras; mas sempre te debes lembrar que serás, pelo menos, a sua vigésima quinta noiva.

ISABEL — Noiva? Cuspo-te no agouro; (*Passa à D. B.*) que vá deitando o luzio a outra; se quere casar bem, que arranje uma vigésima sexta.

LEOCÁDIA — Então assim o votas ao desprêzo?

ISABEL — Bem, bem, votar ao desprêzo, não; mas para que me serve aquilo? A'parte a vaidade, parece que sempre mereço coisinha melhor.

LEOCÁDIA — Mas dizem que êle tem massa...

ISABEL — Que lhe faça bom proveito.

LEOCÁDIA — E é pessoa fina...

ISABEL — Nem fina, nem grossa; aquilo é gente de meia tigela; não gosto assim. Ou tudo, ou nada; ou fidalgo a valer, ou um simples artista. E, demais, quero um, pouco mais ou menos, da minha igualha; que não se me ponha a olhar lá de cima, como se eu fôsse menos do que êle.

LEOCÁDIA — Dizem que é muito generoso...

ISABEL — Mas não ganha quanto come; não vejo em que se empregue; e tenho-o visto comer, parece que tem fome canina.

LEOCÁDIA — Dá muitas prendas...

ISABEL — A's tôlas; eu não sou dessas (*Passa à E. M. subindo ao 3.º plano médio*).

LEOCÁDIA — Por êsse andar, menina, bem ficas solteirinha tôda a vida.

ISABEL — A'gora fico. (*Passa à E. M.*) Então não há mais rapazes senão êste? (*E.*) Pois olha que com gentinha desta laia não caio em casar-me. Aquilo é lá homem!... Só lhe faltam as saias; é um

Côro Final (1)

Andantino

Canto

A-qui fi-cas-te to-da im-bre-a-da,....

.. Con-se-guir-mo-i-ro..... foi tu de-se-jo,..... E, a-zi-ma-l,..... já en-chu-gas la-gri-mas..

Côro

Fa-a-me sur-pre-sa tu-do quan-to re-jo..... Vi-mos da i-que-ja..... mas por to-do

mes-mo, Fi-mos a es-pa-ran-ça..... de nos cas-sar bon-ni; Ab-ra-hã's que re-za-m...

su-a pre-ze-ri-das..... Por quem é de-i-rão..... e ju-i-zo fim.....

(1) Música popular italiana, que o povo português consagrou cantando-a com a letra « Terra Amada ».

dizer-lhe onde está o gatuno. O resto será o que sair na ocasião. *(Ouve-se uma estúrdia)* Aí vêm os camponeses, que nos vão auxiliar neste pagode.

SCENA VII

(OS MESMOS, BENTO, E DEMAIS CAMPONÊSES)

BENTO *(Entra com 3 camponeses pelo F. D., mas pela D. A. entram simultaneamente outros 4: ao todo 8. Cada um deles traz respectivamente bombo, caixa de rufo, clarinete, ferrinhos, cana, flauta, cavaquinho e harmónico. Tocam, ao menos o bombo, a caixa, os ferrinhos, as canas e o clarinete, acompanhados ao piano. Seguem todos em direcção à E. M. até à porta da casa e ficam em semi-círculo desde a porta à E. M. até à D. M. tocando e cantando os seguintes versos e música).*

I

O sol anda e desanda, (!)
Dá voltinhas em redor:
Também tu deves andar
Tocadinho a vapor.

O' cidade! O' cidade!
Que fazes aos estudantes?!
Vão de cá, são uns anjinhos;
Vêm de lá, são uns tratantes.

The musical score consists of two staves. The first staff is the vocal line, and the second staff is the piano accompaniment. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 6/8. The score begins with a circled number '43' in the first measure of the vocal line. There are two repeated sections: the first is marked '1.ª vez' and the second is marked '2.ª vez'. The music is in a simple, rhythmic style typical of popular Portuguese music.

(1) Esta música e êstes versos são populares em Portugal.

Os dois Jovens Cativos

MELODRAMA EM 3 ACTOS POR A. LEBARDIN

Tradução da 24.^a edição francesa pelo P. João Roberto Maciel, música do maestro Prudêncio Pinheiro. (1)

PERSONAGENS :

Rodolfo, capitão de ladrões, 45 anos; Pedro, lugar-tenente duma quadrilha de bandidos, 30 anos; Sterno, bandido, 25 anos; Frederico, filho do Conde de Lansfeld, 12 anos; Alfredo, filho do Conde de Lansfeld, 9 anos; Conde de Forté Mollé, depois Conde de Lansfeld, 30 anos. Vários bandidos.

Allegretto *Preludio*

The musical score is a piano prelude in 2/4 time, marked 'Allegretto'. It begins with an 8-measure rest in the bass clef. The melody in the treble clef starts with a 'dolce' dynamic and features a series of chords and moving lines. The bass clef provides a steady accompaniment with eighth notes. The score includes dynamic markings such as 'dolce', 'cresc.', and 'cresc.' with a dashed line indicating a crescendo. The piece concludes with a final chord in the bass clef.

(1) O senhor André Lesot, de Paris, dono da propriedade literária e artística do original francês, vendeu ao autor do livro « *Rapaçadas Teatrais* » o direito exclusivo da sua tradução em português. A música agora aqui publicada é do insigne maestro Prudêncio Pinheiro e foi feita expressamente para a tradução portuguesa do Rev.^{mo} Sr. P.^e João Roberto Pereira Maciel, a quem agradecemos penhoradamente a amável fineza da cedência gratuita do seu trabalho para este livro.

SCENA II

(RODOLFO, FREDERICO, ALFREDO, PEDRO E BANDIDOS)

(Os bandidos entram cantando, e Pedro, que tem estado a passear desde a saída de Sterno, pára à entrada dos ladrões).

(CÔRO):

Ai! que prazer! que prazer!
Que vidinha a do ladrão;
O seu nome é só famoso,
Os tiranos faz tremer.
Oh! se faz... Oh! se faz...

Cá nós então, então,
Chicha farta e, mais que gôzo,
Um vinho delicioso
Lá na malga a refterver...

RODOLFO — Rapazes, estou contentíssimo! A captura é importante! Que te parece, Pedro?

PEDRO — A julgar pelas aparências, deve valer dez mil florins.

RODOLFO — Dizes bem. Preparaste-nos alguma coisa?

PEDRO — Sim, capitão. A mesa está posta e tudo já preparado.

RODOLFO — Bem. Amigos! (*Para os soldados*) Ide esquecer, no banquete, as fadigas da expedição. Em breve estarei convosco! (*Os bandidos saem cantando a música seguinte*).

Allegretto

9A

Tenores

Basso

Ai! que pra-zer, que pra-zer! Eu ri-di-nha do ladrão; di! que pra-zer!

di! que pra-zer!

p

OS DOIS JOVENS CATIVOS

9B

Deus, que prazera! Que vi-di-nha e do-la-dão! Ai que praz-dão O seu nome só fa-mo — so

di! que prazera! O seu nome só fa-

Os ti-ra-nos faz tre-mir..... O seu nome só fa-mo — so

- mo — so Os ti-ra-nos faz tre-mir O seu nome só fa-

Os ti-ra-nos faz tre-mir..... O seu nome só fa-mo — so

- mo — so Os ti-ra-nos faz tre-mir Os ti-ra-nos faz tre-

Os ti-ra-nos faz tre-mir... Ob! se faz... Ob! se faz...

- mir.....

The musical score is written for voice and piano. It features a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The score is divided into five systems, each with a vocal line, a bass line, and a piano accompaniment. The lyrics are in Portuguese and describe the suffering of two young captives. The score includes first and second endings, indicated by '1º' and '2º' above the notes. A circled '9B' is located at the beginning of the first system. The piano accompaniment consists of chords and rhythmic patterns that support the vocal melody.

OS DOIS JOVENS CATIVOS

9.ª Cã nós en-tão, en - tão, Chi-cha far-tã e mais que gô-so, Um vi-ri-ri-ri de-li-cio-so Lá na
Cã nós en-tão, Chi-cha etc

mal-ga-re-fo-va... Um vi-ri-ri-ri de-li-cio-so Lá na mal-ga-re-fo-va... a

re - fo - va Um vi-ri-ri-ri de-li-cio-so Lá na mal-ga-re-fo-va... d

re - fo - va...

trímolo

trímolo

The musical score is written in a system of staves. It includes a vocal line with lyrics, a bass line, and a piano accompaniment. The piano part features a prominent tremolo effect in the right hand. The lyrics are written in Portuguese and are interspersed with musical notation. The score is marked with a circled '9.ª' and includes dynamic markings like 'p' and 'a'.

SCENA III

(RODOLFO, PEDRO E CRIANÇAS)

RODOLFO — Pedro, confio-te estas crianças, responsabiliza-te por elas.

PEDRO — E' preciso encerrá-las na gruta dos cãtivos?

RODOLFO — Não, quero-as em liberdade.

PEDRO — Concedeis êsse privilégio a mui poucos prisioneiros. Provavelmente são filhos de algum potentado?!

RODOLFO — Talvez; ignoro ainda os seus nomes, que em breve espero saber. Adeus! (*Sai*).

SCENA IV

(OS MESMOS, MENOS RODOLFO)

PEDRO (*A' parte*) — Não sei que sinto em minha alma! .. Eu, que nunca fraquejei diante de um punhal, tremo agora na presença destas crianças!

ALFREDO — Mano, onde estamos?!

PEDRO — Não temais, filhos! Ouvistes as palavras do capitão? Ninguém vos fará mal.

ALFREDO — Onde estamos, mano?!...

PEDRO — Estais numa caverna de ladrões, mas em breve sereis restituídos à liberdade.

FREDERICO — A liberdade?!... Ah! já não a espero...

PEDRO — Esperai, esperai. A-pesar-do nosso aspecto sombrio, nós temos amor às criancinhas. (*E. M.*)

ALFREDO — Meu Deus! Meu Deus!... será sonho?!...

FREDERICO (*Para Pedro*) — Senhor! Se tem piedade de nós, restitua-nos à liberdade e à vida; deixe-nos ir para a nossa mãe!

PEDRO (*A' parte, E. B.*) — As suas suplicas encomodam-me.

FREDERICO — Que fará destas duas crianças? Precisa de ouro? Eu o pedirei a meu pai... Mas, por quem é, a liberdade, a vida!

PEDRO — Isso que o menino pede está acima das minhas fôrças; o meu posto é lugar-tenente, Rodolfo é o capitão. (*D. B.*)

FREDERICO — Pois bem, eu quero falar ao capitão.

PEDRO — E que lhe quere dizer?

FREDERICO — Combinarei com êle o preço do nosso resgate.

PEDRO (*E. B.*) — Mas pôde combiná-lo comigo.

FREDERICO — Quanto pede?

PEDRO — Temos vários preços. (*E. M.*) Diga-me, o seu pai é muito rico?

FREDERICO — Nosso pai é o primeiro dignitário da cõrte de Austria.

PEDRO (*A' parte*) — Hum!... Já vejo que foi bõa a caçada.

FREDERICO — Nosso pai é o senhor do castelo vizinho e dos imensos domínios que o rodeiam.

PEDRO — Ah! entendo, sois os filhos do Conde de Forté-Mollé?!

FREDERICO — Nosso pai adoptou há pouco êsse nome. Na Austria, chamam-lhe o Conde de Lansfeld.

PEDRO (*Vivamente*) — O conde de Lansfeld?!...

FREDERICO — Sim, lugar-tenente.

PEDRO (*A'parte*) — Será verdade?! (*Desce à E. B.*) O conde de Lansfeld, o meu antigo senhor?!... (*Reparando, enternecido*) São êles!... (*D. B.*) pobres crianças!...

FREDERICO — Donde vem essa perturbação, lugar-tenente?! Lastima a nossa sorte? (*D. B.*)

PEDRO (*Choroso*) — Sim, caros filhos, lastimo...

FREDERICO — Chora?!..

PEDRO — Oh! não..., é que..., há momentos... (*Ao C. e à parte*). Já não estou senhor de mim; o melhor é retirar. (*Sai pela E. A.*)

SCENA V

(FREDERICO E ALFREDO)

ALFREDO — Frederico! Tenho frio..., tenho mêdo... Onde estamos?

FREDERICO — Pobre Alfredo! Não vês estas parêdes húmidas, esta lâmpada que alumia tantos despojos, o horror dessas caras patibulares que continuamente nos cercam..., os nossos criados assassinados..., a nossa bôa mãe?!... Estamos entre ladrões e assassinos.

ALFREDO — Ah! sim, bem me lembro! Parece-me que estou a ver ainda naquela noite escura, no meio da floresta, tantos homens armados e tão feios em volta da nossa carruagem... Sei apenas que, aterrorizado, me lancei nos braços da nossa querida mãe e logo uma pesada mão de ferro me roubava para sempre... O que depois aconteceu, não sei... Só quando entramos neste subterrâneo é que meus olhos se abriram.

FREDERICO — Prouvera ao céu que êles ficassem fechados para sempre...

ALFREDO (*Com saúdade*) — Nossa mãe! (*Resoluto*). E porque não está ela connosco? (**1.º sinal para a música. Prevenção**).

FREDERICO — Nossa mãe foi mais feliz, salvou-se. Eu vi-a ajoelhar diante dos assassinos implorando ardentemente a nossa liberdade; mas os seus rogos fôram inúteis. Estava quási a ser vítima dos golpes inimigos, quando um dos nossos criados, o único sobrevivente, desceu do cavalo, arrancou-a às mãos do bandido e com ela desapareceu na floresta.

ALFREDO — Meu Deus! Sêde bemdito. (*Bate 1 hora no relógio da caverna*).

FREDERICO — Pobre mãe! eis a hora em que ela interrompia o sôno para nos prodigalizar as suas carícias..., e agora...

ALFREDO — Mas o pai não virá resgatar-nos?

FREDERICO — São essas as minhas esperanças; porque êle, como sabes, veio estabelecer-se no Castelo de Forté-Mollé para exterminar os bandidos.

ALFREDO — Praza ao Céu que êle venha o mais cêdo possível! (**2.º sinal para a música. Execução**).

(*Alfredo e Frederico cantam em dueto a música da página 302*).

Virgem Santa, Mãe ditosa
Do teu Deus, dum Deus menino;
D'outra mãe, mas desditosa,
Ouve a prece fervorosa!

Faze-a, Virgem! mãe feliz,
Dos punhais dum assassinio,
Dentre as garras homicidas
Dum bandido, novo Herodes,

Andante

100 dolce

Vir-gem san-ta, mãe di-to-sa Do teu Deus, dum Deus me-ni-no, D'outra mãe, mãe des-di-

-to-sa, Ouve a pre-ce fer-vo-ro-sa Fa-za-a Vir-gem, mãe fe-

-liz, Dos pun-hais dum as-sas-si-ni-o, Den-tre as gar-ras ho-mi-

-ci-das Dum ban-di-do, no-vo He-ro-des.

2.ª vez *3.ª vez*

delicissimo. rit.

Se as crian-ças des-va-li-das Tu livrá-las, Vir-gem pó-des,

Ou-veas pre-ces in-fan-tis. Ou-veas pre-ces in-fan-tis do

pre-ces in-fan-tis do pre-ces in-fan-tis.....

pp ritard *atempo*

III Se as crianças desvalidas
Tu livrá-las, Virgem, pódes,
Ouve as préces infantis!

ALFREDO — Ah! Já me sinto com mais coragem. Bem dizia nossa mãe — que a oração é a fôrça dos fracos.

FREDERICO — Sim, tenho tôdas as esperanças de que Deus virá em nosso auxílio. Não reparaste na comoção do lugar-tenente?!

ALFREDO — E' verdade; fiquei surpreendido?... A-pesar-do seu aspecto feróz, vi que as lágrimas lhe corriam pelas faces... Qual seria a causa de uma tal comoção?

FREDERICO — As nossas infelicidades. *(Ambos à E. B.)*

ALFREDO — Sim, as nossas infelicidades. E' por isso que eu gosto muito dos pòbrezinhos.

FREDERICO — Quem sabe?! Talvez êstes bandidos não sejam tão maus como dizem! Póde ser até que os nossos infortúnios comovam o coração do capitão Rodolfo.

ALFREDO — Rodolfo?! Ah! *(Passa à D. B.)* não me parece. Pelos modos como se apresenta vejo que há-de ter um coração de bronze. Frederico, *(E. B.)* estamos perdidos...

FREDERICO — E a Providência, querido mano?

ALFREDO — Oh! sim, a Providência... *(Na D. B. põem-se de joelhos).*

AMBOS — Meu Deus! somos vossos filhos, não queirais desamparar-nos. *(Póde repetir-se o canto anterior).*

FREDERICO (*canta*):

I

Nas trevas da noite,
Sombria, aziaga,
Aqui, nesta fraga,
Um anjo pairava!
Um anjo do Edén!

II

Nos traços do rosto,
Tão meigo, tão terno,
Os traços copiava
Do rosto materno:
Um anjo também!

(*Acordando*) O' Alfredo! Alfredo!

ALFREDO (*Acordando*) — Que é? Já estás acordado?

FREDERICO — Já. Olha que tive um sonho feliz. Parece-me não estar longe o dia do nosso resgate.

ALFREDO — Ah! se o pai soubesse onde nós estamos!...

FREDERICO — Já deve saber tudo a estas horas; a mãe provavelmente já lho contou. Não te lembras daquela carta que êle nos escreveu de Viena, há cêrca de 15 dias?

Andantino

(Voz) Nas trevas da

noite, sombria, aziaga aqui nesta fraga um

anjo pairava aqui nestor fraga um

11.R. timolo

crescendo poco a

OS DOIS JOVENS CATIVOS

Um-jo pai-ra-va: Um an-jo do E-dim. Nos tra-ços do nos-to,

poco *pe sereno* *espressivo*

Tão meigo, tão ter-no, Os tra-ços co-pia-va Do nos-to ma-ter-no:

Tão meigo tão ter-no Os tra-ços co-pia-va Do nos-to ma-ter-no: Um

com delicadiss

an-jo tam-bem Um... an-jo tam-

atrasando *atempo* *dotatissimo*

-bem Um an-jo tam-bem.

rit: *atempo*

SCENA VII

(ALFREDO SÓ)

ALFREDO — Lá vão êles, e eu fico sòzinho no meio desta escuridão... Ingratos!... Abandonaram-me!... *(Animado)* Mas quer não, vão defender meu pai, perdão-lhes... Quem me dêra ter uma mão vigorosa que pudesse sustentar uma espada!... Correria também a defendê-lo. **(O tiroteio aumenta. Ouvem-se gritos de vitória da parte dos bandidos).** Que barulho terrível! Meu Deus! Meu Deus! que será de mim? **(Descarga e sinal de execução para a música).**

Andante mosso

12. A.

rit. *a tempo*

Hoje, quando aqui - a, ... Do tristes - a - gri - a, ... Os o - lhos di - nos em

tristes manin - nos fôdesse cupu - gai; Jah - ro - in - os de - m - ra! São tantos des - ho - ra Os

sus - tos, as do - res... São tantos des - ho - ra... Os sus - tos, as do - res, as

metido o perdão, uma vida sossegada, 20:000 florins em ouro e a posse do Castelo... Ainda não quereis seguir o vosso capitão?
(1.ª prevenção à música).

BANDIDOS (*Agitando os chapéus*) — Sim, sim.

RODOLFO — Está bem, valorosos companheiros! exultem de alegria os vossos corações. **(Execução à música. O piano começa logo no compasso 9 deixando de tocar os primeiros compassos).**

OS BANDIDOS (*Cantam*):

Ávante! Valente punhado de bravos!
 Afrontas, não mais, ferretes, baldões!
 bis { Estalem nos pulsos os ferros de escravos,
 Bandidos outrora, agora leões!

CONDE (*Canta a solo*):

Meu Deus, meu Deus, bem dizem-vos
 Conditos os bandidos!
 No céu, piedoso, ouvi
 Do triste os crueis gemidos!
 Em Vós a dôr tem bálamo,
 Perdão a ruim maldade,
 Abismos inefáveis
 De imensa caridade.

BANDIDOS: — Ávante! Valente punhado de bravos! etc.

(Os bandidos repetem o cântico e vão saindo enquanto o pano desce).

FIM

Marchal

(13.ª)

(Vozes)

(Vozes)

Ávante! va...

OS DOIS JOVENS CATIVOS

-lun - ta punha - do de bra - vos à - fron - tas, não mais fer - re - tes, bal - dões! Es - ta - lum nos

13.B

pul - sos os fe - ros de es - cra - vos, Band - dos d'au - to - ra, d'ar - go - ra li - ces. Es - ta - lum nos

pul - sos os fe - ros de es - cra - vos, os fe - ros os fe - ros de es - cra - vos..... Band - dos deu -

- t'ar - ra, band - dos d'au - to - ra, band - dos d'au - to - ra d'ar - go - ra li - ces

OS DOIS JOVENS CATIVOS

13. ©

Heu Deus! meu Deus! ben-di - zom - vos Com - ti - tos os ben -



- di - dos! Do cum, pie - doso, au - ri Do tris - te os crucis ge -



- mi - dos Em vós a dor tem bá - sa - mo. Per - dão a mim mal -



- da - de, O je - ca - dor re - fu - gio Dei - men - sa



ca - ri - da - de. - ões

esalta

Fim.



Meu pai!... O' meu paizinho!

(EPISÓDIO DA BARCELONADA)

Naquela manhã, Pablo, erguera-se mais cedo
E cautelosamente, e de mansinho, e a medo,
Os passos abafando e o respirar ancioso,
Caminhou para a porta. Aí parou receioso,
A mão na aldrava, erguida, e, como que indeciso,
Voltou-se para trás. Um lúgubre sorriso
Em que havia de tudo: angústia e amargura,
Ódio, vingança, amor, crueldade e ternura,
Nos lábios lhe assomou. Circunvagou a vista
P'los trastes com que enchia a sua mansão de artista;
Tôscos e sem verniz, p'lo tempo carcomidos,
Cadeiras sem palhinha e bancos já partidos...
O olhar a princípio tórvo e desvairado,
Foi recair por fim num leito, encostado
Ao fundo na parede. Um leito pequenino
Onde um róseo petiz, angelical, bambino,
Dormia a bom dormir o sono da inocência;
E depois de o fitar com certa insistência,
Indo pé ante pé, apróximou-se dêle,
E depoz-lhe a tremer, sôbre a rosada pele,
Um demorado beijo, um beijo tão mansinho
Como a aza a roçar dum leve passarinho
Na superfície azul dum lago adormecido...
Levantou-se de chofre, e um gesto decidido
Mostrou ter pôsto fim à luta, que decerto
Lhe ia lá por dentro; e em passo firme e certo,
Mas cauteloso sempre, encaminhou-se então
Para a porta, que abriu com tôda a precaução
Cerrando-a sôbre si, com calma, com geitinho
Não fôsse êle acordar o tenro inocentinho...
Nem o fecho correu... E ao vêr-se, enfim, na rua
Olhando o céu azul, onde a pálida lua,
A' luz do arrebol, entrava a esmaecer,
Soltou uma imprecação e deitou a correr...